

VIAGEM INTERIOR: LUTO E ESPERANÇA

Marta Areny¹

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.*

Com estes versos, Mário de Sá-Carneiro (1998), a partir da expressão do seu vazio existencial presente nos seus poemas, evoca-nos uma transformação, ou uma viagem: *uma de mim ao Outro*, no seu caso a partir do tédio.

Há muitos anos que conheço estes versos, e quando fui procurá-los para os incluir nas reflexões deste *Vértigo*, para minha surpresa, descobri que durante mais de quarenta anos os recitei tal como os ouvi pela primeira vez e tal como exatamente os tinha entendido: *Não sou nem eu próprio nem o outro, sou apenas uma ponte que se estende de mim ao Outro*. Ou seja, com um sentimento pessoal de alegria e ilusão, entendi que o poeta falava de uma viagem em direção ao outro com desejo e esperança — não a partir do tédio nem da fuga do aborrecimento vital, mas a partir da simplicidade de que ninguém é completo sem a relação com o outro.

Encontrar-me agora com este contraste de significado mostra-me que cada viagem é interna, e isso conduz-me a Fernando Pessoa, que já nos advertia no *Livro do Desassossego*: “As viagens são os viajantes.

¹ Psicoanalista didata e supervisora de Sociedade Espanhola de Psicanálise (SEP-IPA), diretora da *Revista Catalana de Psicoanàlisi* (RCP de la SEP).
E-mail: martareny@gmail.com

O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.” E o que sentimos em cada momento, acrescentaria eu.

Etimologicamente, viagem vem do latim *viaticum*, que significa “provisões ou recursos necessários para iniciar um percurso, um caminho”. Se o viático para viver são os primeiros vínculos que o bebê recebe e tece na sua criação, são também esses que nos proporcionarão a bagagem, a preparação psíquica para enfrentar as mudanças e as viagens que teremos de fazer ao longo da vida, bem como aquilo que dará conta da resiliência perante as adversidades.

A viagem ao mundo interno que permite uma boa análise psicanalítica, que muitas vezes representa o vínculo que possibilita recuperar ou reparar aquilo que não pôde ser vivido no início, transforma-nos sem nos movermos do lugar. Por outro lado, mover-nos geograficamente só nos transforma se formos capazes de apreender o que a diferença e a novidade nos oferecem, e se sentirmos, ainda que inconscientemente, a satisfação de sermos capazes de nos separar do lugar de origem, de não ficarmos presos aos conflitos pessoais, de conquistar novos desafios e/ou de recuperar ilusões infantis.

Freud começou a viajar após a morte do seu pai. Winterstein (1912) interpreta a viagem como uma expressão de um impulso de errância (*Wandertrieb*), ligado à necessidade de escapar da rotina quotidiana vienense e à busca de novos desafios.

Atualmente, raramente se procura alcançar novos desafios nas viagens de lazer, mas, de forma impercetível, a mobilidade contínua atravessa todas as dimensões humanas: laborais, emocionais, culturais e identitárias. Isso leva-nos a pensar no indivíduo numa transformação acelerada, que está a modificar a forma de se relacionar e de produzir mudanças internas, o que tem, inevitavelmente, consequências na construção da subjetividade, como pouco a pouco vamos entendendo nos nossos analisandos e também na análise da sociedade.

Outra coisa são as mudanças forçadas, as migrações, que, como na *Odisseia*, são viagens longas nas quais surgem aventuras tanto adversas como favoráveis ao viajante. Achotegui (2002) descreve como *síndrome de Ulisses* o conjunto de sintomas mentais sofridos por uma pessoa exposta a uma situação extrema ao mudar de país, além do chamado “luto migratório”.

Dentro da migração, devemos diferenciar a voluntária, a de quem espera viver melhor, e a obrigatória, provocada por guerras ou miséria, que força, com dor, ao afastamento da família e da terra sem se saber quando será possível regressar. É o luto migratório que León e Rebeca Grinberg (1996) comparam à guerra interna de um adolescente na sua passagem para a vida adulta: enquanto ainda não conseguem visualizar realisticamente o lugar para onde vão, vivem num estado irreal que só podem partilhar com companheiros da mesma viagem. E até que se sintam seguros no lugar de chegada, a vertigem não desaparece.

A migração é um processo tão longo que talvez nunca termine. As vivências de insegurança que os migrantes experimentam são determinadas não só pelas incertezas, mas também pelas ansiedades diante do desconhecido e pela inevitável regressão que essas ansiedades comportam. Às vezes, confundem a realidade, como numa alucinação, para sentir próximo aquilo que deixaram para trás.

Arsenio Rodríguez Quintana (2009), poeta cubano, diz assim:

*En un instante un canal de Venecia
Fue a través del olor
Un paseo habitual de la Habana Vieja
Al borde de la bahía
[...]
¿Qué hacen estas ciudades metidas en otras?
Acaso se pueden abrir puertas
que conduzcan a un mismo lugar?*²

Penso também nas viagens que empreendem as pessoas que procuram uma identidade, presas a uma vida desconcertante, infeliz e insegura. Que não se sentem seguras nem confortáveis consigo mesmas,

² Num instante, um canal de Veneza
foi, através do odor,
um passeio habitual da Havana Velha
à beira da baía
[...]
Que fazem estas cidades metidas umas nas outras?
Será que se podem abrir portas
que conduzam a um mesmo lugar? [Tradução da autora]

e algumas optam por transitar de um género para outro. Às vezes, é com o desejo de serem aquilo que sentem ser, mas outras é para fugir daquilo que não suportam ser.

Algumas preparam-se, pensam, sentem com profunda convicção. Outras, pelo contrário, iniciam a viagem com pressa, desejam encontrar um lugar ou uma forma de estar que as liberte do vazio, da angústia ou dos mal-estares da vida, e fazem-no sem o viático adequado para a viagem. Podem ser vistas e vividas como uma forma de evasão, em que se procura fugir das tensões internas sem dar tempo para as transformar.

A viagem, que poderia ser vista como uma oportunidade de nos reinventarmos, só produz mudanças se a subjetividade se põe em movimento, porque, caso contrário, fica na superfície e o deslocamento externo não se transforma numa mudança interna real. Só nesses casos, nos de uma mudança interna real, poderíamos voltar a entender o poeta Joan Vinyoli (2014):

*I ara quan torno a casa sense nom, sento que he passat pel desert i he creuat el riu, que sóc un altre, més profund.*³

A partir da psicanálise, da escuta psicanalítica, podemos ajudar a carregar as alforjas, e para isso é necessário que o analista também esteja em contínua transformação interna. Como psicanalistas, também sofremos a vertigem da aceleração social.

Em pleno século XXI, num mundo com tanta multiculturalidade e civilizações convivendo juntas, é necessário ter uma visão ainda mais ampla para que as tensões internas do indivíduo e da sociedade possam dialogar e compreender-se, evitando conflitos e guerras reais ou simbólicas.

E ter presente que se trata de abrir caminho a cada passo, de não fixar nada e de ir compreendendo a viagem. “Caminante no hay camino”, como dizia Machado. Se vivemos de forma diferente, se se produzem novas interações internas e externas, devemos continuar a abrir portas mentais para compreender a transformação das subjetividades.

³ E agora, quando volto para casa sem nome, sinto que atravessei o deserto e cruzei o rio, que sou outro, mais profundo. [Tradução da autora]

REFERÊNCIAS

- Achotegui, J. (2002). *La depresión en los inmigrantes: una perspectiva transcultural*. Mayo.
- De Sá-Carneiro, M. (1998). *Poemas irremediáveis. Obra poética*. Hiperión.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1996). *Migración y exilio. Estudio psicoanalítico*. APM – Psicoanálisis Biblioteca Nueva.
- Machado, A. (1912). *Campos de Castilla*. Renacimiento.
- Pessoa, F. (2002). *Libro del desasosiego*. Acantilado.
- Quintana, A. R. (2009). *Hombre sin patria*. Linkgua.
- Vinyoli, J. (2014). *Poemes*. Edicions Proa.
- Winterstein, Alfred von (1912). *Zur psychoanalyse des reisens*. Imago.